

UMA LEITURA DE *ALICE NO ESPELHO*, DE LAURA BERGALLO

Nathalia Costa Esteves¹

Introdução

Neste trabalho, pretendemos fazer uma leitura de *Alice no espelho* (Edições SM, 2005), narrativa juvenil de Laura Bergallo, com base na teoria do efeito, de Wolfgang Iser, e nos conceitos de Umberto Eco, que apresenta, em seu livro *Seis passeios pelos bosques da ficção* (Companhia das Letras, 2009), contribuições sobre como interpretar um texto literário considerando a importância da participação do leitor no processo de constituição de sentido. Ao estudar esses autores, percebemos que a todo instante suas ideias se entrelaçam e as teorias dialogam entre si; por isso, optamos em não restringir a base teórica desse artigo apenas em Iser.

1 Revisão teórica

Wolfgang Iser, em seu livro *O ato da leitura* (volume I), ressalta que a obra literária apresenta dois pólos: o artístico e o estético. O pólo artístico consiste no texto criado pelo autor e o estético na concretização produzida pelo leitor, uma vez que a obra literária vai além do texto e só se realiza no processo da leitura. “A concretização por sua vez não é livre das disposições do leitor, mesmo se tais disposições só se atualizam com as condições do texto. A obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor” (ISER, 1996: 50) e ela é o ser constituído do texto na consciência de seu leitor (aqui podemos observar a contribuição da teoria fenomenológica na formulação da teoria do efeito de Iser, pois a fenomenologia enfatizou que o estudo de uma obra literária não pode dedicar-se apenas à configuração do texto, mas também à sua apreensão). Nessa perspectiva, devemos substituir a pergunta sobre “o que significa esse texto” pela pergunta “o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais”, pois esses últimos existem graças ao efeito que estimulam.

Segundo o autor, os textos contêm certos elementos de indeterminação, os quais não são, de modo algum, um defeito na estrutura textual, mas sim condição elementar de comunicação do texto, já que possibilitam que o leitor participe, por meio

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM)

desses “espaços vazios”, na produção da intenção textual. Além desses espaços de indeterminação dos textos literários, eles apresentam instruções que guiam seu leitor para a produção de sentido. No entanto, por não serem absolutas, as instruções não levam a um sentido único, mas a diferentes avaliações, de acordo com a vivência de cada leitor.

Ao refletir sobre a interação entre texto e leitor, Iser afirma que o que a promove é a assimetria, o não-idêntico, ou seja, a diferença entre os repertórios do texto e do leitor, que consiste na primeira condição para o efeito. Essa assimetria opera como estimuladora de reações e, ao lado dela, é indispensável que haja um grau de estranheza (entre texto e leitor) para que as disposições dos receptores sejam afetadas. O estímulo para a comunicação consiste no não-dito; em outras palavras, o que está dito no texto dialoga com o que não está, para que assim o leitor constitua o significado. Dessa maneira, o efeito resulta da diferença entre o dito e o significado, da dialética entre mostrar e encobrir. É nesse ponto que Iser aborda outro conceito muito importante para sua teoria: a estrutura de tema e horizonte.

A relação entre tema e horizonte leva à compreensão do texto e forma a estrutura que é central para os procedimentos de apreensão. Como estrutura principal das estratégias textuais, ela produz uma tensão que se matiza em uma série cada vez mais diferenciada de interações, para por fim emergir em uma terceira dimensão: a produção do objeto estético (objeto da imaginação, que o leitor deve produzir por meio de esquemas deformados e desmentidos, pois é a indeterminação do objeto estético no texto que torna necessária a sua apreensão pela imaginação do leitor).

A organização interna do texto é um sistema de perspectividade. No caso da literatura narrativa, são quatro as perspectivas através das quais os elementos são selecionados para permitir a compreensão do texto: a perspectiva do narrador, dos personagens, da ação ou enredo e da ficção marcada do leitor. Entretanto, nenhuma delas representa totalmente o objeto intencionado do texto e cada uma delas pode apresentar uma visão diferente de um objeto comum (como veremos na análise da narrativa juvenil). Assim, o objeto estético só pode se constituir por meio de visões diferenciadas e o leitor deve produzi-lo a partir da orientação que os diferentes pontos de vista oferecem.

Com base nos postulados acima expostos, pretendemos fazer um estudo sobre a narrativa *Alice no espelho* (BERGALLO, 2005), observando como o seu objeto estético e seu significado podem ser constituídos pelo leitor, a partir das perspectivas textuais

dadas. Para tanto, além de Iser, utilizaremos também alguns preceitos elaborados por Umberto Eco (2009).

2 *Alice no espelho*, de Laura Bergallo

Laura Bergallo, autora de *Alice no espelho*, é uma escritora para jovens leitores que já tem doze livros publicados, inclusive na França e nos Estados Unidos. É também bacharel em Comunicação Social e editora de publicações científicas. Ganhador do Prêmio Jabuti 2007 na categoria livro juvenil e escolhido para participar do Catálogo FNLIJ da 44th Bologna Children's Book Fair, *Alice no espelho* é uma narrativa juvenil que trata de um tema muito atual: a ditadura da beleza e os problemas causados pelos transtornos alimentares. A autora debate esse assunto de maneira muito sensível, levando a seu texto um pouco de fantasia ao criar um outro mundo, o de Ecila, que Alice visita quando está em coma por sofrer de bulimia.

Alice tem 15 anos quando começa a sentir os problemas causados pela má alimentação. Ela está sempre de dieta e, quando come, corre para o banheiro para vomitar ou para a academia para queimar todas as calorias que ingeriu. É uma típica adolescente: idolatra uma atriz famosa e seu corpo, adora ler revistas, vive um primeiro amor ainda não-correspondido, mas sente muita falta do pai (que fora viver com outra mulher) e tem uma baixa autoestima. Para apresentar as dúvidas e angústias de Alice, contamos com a ajuda de uma outra Alice, a de Lewis Carroll. O pai de Alice sempre lia *Alice no país das maravilhas* para ela, e é essa a melhor lembrança que tem dele, agora distante pela separação de sua mãe. Em todo o texto há passagens do mundo mágico da Alice de Carroll que dialoga com a vida da outra Alice. A linguagem utilizada, as diferentes perspectivas dos temas abordados e a sensibilidade com que Laura Bergallo elaborou seu texto corroboram os prêmios que a autora recebeu e comprovam que a literatura infanto-juvenil brasileira está se tornando, cada vez mais, modelo de alta qualidade estética e artística.

3 Uma leitura de Alice sob a perspectiva teórica

Umberto Eco, em seu livro *Seis caminhos pelos bosques da ficção* (2009), utiliza uma metáfora criada por Jorge Luis Borges e compara o texto narrativo a um bosque:

um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção. Num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo (ECO, 2009: 12).

Podemos entender cada árvore do bosque como as diferentes perspectivas que Iser afirma que precisamos seguir para poder constituir o objeto estético. No caso da narrativa em questão, há inúmeras perspectivas:

- a do narrador, que dialoga com seu leitor implícito a todo momento: “Pela primeira vez em muito tempo, Alice tem uma estranha sensação de vazio no estômago. Demora um pouco para reconhecer o que sente, mas nós logo sabemos o que é. Alice está com fome! Coisa que não acontece há séculos” (BERGALLO, 2005: 31).

- a da protagonista, que faz tudo para ser magra e seguir o modelo de beleza que vê em suas revistas: “– A bunda continua a mesma, enorme! – suspira Alice, de costas para o espelho, espichando o pescoço para ver melhor o traseiro enfiado num shortinho vermelho. – Estou uma monstra horrorosa, como sempre” (BERGALLO, 2005: 16).

- a de Ecila, cujos pensamentos sobre a beleza são todos contrários aos de Alice, até mesmo o nome das duas são trocados, como os dois lados do espelho (ALICE – ECILA): “– E daí? Na verdade, não é isso o que importa para eles. O que importa mesmo é que todo mundo fique igual. Não querem gente diferente, não querem gente que *pense* diferente” (BERGALLO, 2005: 76).

- a dos personagens do mundo de Ecila, que viam na “transformação” (um processo médico-cirúrgico pelo qual todas as pessoas passam, ao completar 16 anos, para ficar como um dos modelos belos e magros que eles escolhem) condição indispensável para serem felizes: “– Ficar velho é vergonhoso, é indigno – continua a mulher, num tom de discurso inflamado. – Aquela cara enrugada, o cabelo ralo e branco... – sua expressão é de desprezo e asco” (BERGALLO, 2005: 78).

Para estabelecer seu lugar no texto, Iser afirma que o leitor precisa combinar suas perspectivas. Cada perspectiva tem algo em mira, uma forma de acesso ao sentido que está sendo intencionado por meio desse ponto de vista, que guiará a formação do objeto estético do texto. Os momentos da leitura começam a se distinguir uns dos outros pelo fato de o ponto de vista em movimento saltar de uma perspectiva para outra (ISER,

1999). Essa mudança de perspectiva fica bem evidente em algumas passagens da narrativa, como a seguinte:

Mas vamos esquecer tudo isso e voltar para onde paramos. Agora, Alice já tem quinze anos e há muito tempo não vê o pai. Não que lhe falte vontade, o que falta mesmo é coragem. A mãe teria um ataque igual ao da Rainha de Copas, e a avó a acusaria imediatamente de estar sendo ingrata.

- Todos esses anos criando você sozinha com essa miséria de dinheiro que aquele lá tem o desplante de chamar de pensão – elas diriam, de um fôlego só – e você ainda pergunta por ele?

Pelo pouco que a esta altura já conhecemos dela, Alice nunca teria cara de enfrentar a fúria que a simples menção ao pai causaria naquelas duas: “*Cortem-lhe a cabeça!*”.

E, além do mais, ela acha uma coisa que, no fundo, pode estar certa: se o pai quisesse vê-la ou falar com ela, já teria dado um jeito qualquer, parece óbvio.

Pronto. Voltamos ao mesmo assunto, quase sem sentir. Assim nunca vou conseguir começar esta história. É que nem sempre sou eu quem decide o que vai ser dito a seguir. O que Alice pensa conta muito, já que ela é a personagem principal. E, mesmo sem querer e depois de todo esse tempo de ausência, Alice pensa a toda hora no pai.

Bom, mas precisamos voltar à história, já que é para isso que estamos aqui... (BERGALLO, 2005: 14 – 16).

Segundo Eco (2009), a fim de prever o desenvolvimento de uma história, os leitores se voltam para sua própria experiência de vida ou seu conhecimento de outras histórias. Esse processo de fazer previsões “constitui um aspecto emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos, bem como a tensão resultante de nossa identificação com o destino das personagens” (ECO, 2009: 58). Nesse sentido, durante o processo de leitura da narrativa em questão, está em nosso horizonte tudo o que sabemos sobre os transtornos alimentares e, como é um texto destinado a jovens leitores, é bem possível que muitos desses leitores identifiquem-se com os problemas vividos por Alice. Além disso, o fato de haver uma grande intertextualidade com o mundo maravilhoso da Alice de Lewis Carroll, o conhecimento desse texto tem grande importância para a constituição do sentido e para a realização do efeito que o objeto estético poderá causar em seu público. Aqui precisamos destacar mais um conceito muito importante na teoria do efeito: o de repertório.

O repertório de um texto, segundo Iser, consiste no que é familiar ao leitor, como os textos de outra época (como é o caso de *Alice no país das maravilhas*), o contexto sociocultural (busca exagerada por um padrão de beleza) ou as normas sociais e históricas. Em outras palavras, o repertório é indispensável para que texto e leitor

dialoguem entre si. O familiar que ele evoca não interessa por ser familiar, mas porque algo é intencionado com ele que resulta do seu uso ainda desconhecido. No caso da narrativa juvenil de Laura Bergallo, seu repertório (texto de Lewis Carroll, busca pela beleza, separação dos pais) consiste no pano de fundo sobre o qual o leitor vai erigir o novo uso, do desconhecido, da novidade que o texto traz, por meio de suas estruturas e das imagens que suscita na consciência receptiva do leitor. Enquanto o mundo de Alice, embora não seja uma cópia, traga elementos do real, o mundo de Ecila é algo novo, uma criação do texto. Essa estrutura do familiar e do não-familiar é indispensável para que haja comunicação, interação entre obra e leitor.

Considerações finais

No Brasil, há, atualmente, grandes nomes em meio a produção infanto-juvenil. São artistas que, seguindo o exemplo de Monteiro Lobato, decidiram fazer dos textos destinados aos jovens leitores uma literatura questionadora, verista (ou realista) e, acima de tudo, com uma altíssima qualidade estética. Dentre esses escritores, podemos citar Laura Bergallo.

Com a contribuição das correntes teóricas utilizadas nesse trabalho, pudemos compreender e adentrar no universo do texto. As contribuições de Iser e Umberto Eco nos levaram a conhecer melhor os caminhos que podemos seguir para constituir a imagem do objeto estético, uma vez que, como vimos, o leitor não é apenas um receptor passivo da criação artística do autor, mas, para que haja apreensão do texto, ele precisa participar da experiência estética. Aceitamos, segundo Eco, um acordo ficcional, onde há uma suspensão da descrença, ou seja, o autor finge dizer a verdade e nós, leitores, fingimos que o que é narrado de fato aconteceu, pois, na verdade, dentro do universo textual, aquele mundo realmente existe. Desse modo, ao entrarmos nas estruturas do texto por meio da perspectiva do leitor implícito (o qual não tem existência real, pois faz parte das estratégias textuais) e da estrutura de tema e horizonte, podemos perceber a nós mesmos no momento da participação na constituição do objeto estético e do sentido, que só vem à tona se algo acontece no leitor durante o processo da leitura. Mas, para que todo esse percurso faça sentido, é indispensável que o texto apresente esses caminhos. No caso da narrativa juvenil que constitui o *corpus* desse trabalho, sua alta qualidade artística fez com que fosse possível aplicarmos os conceitos elaborados pelas teorias utilizadas.

Alice no espelho é uma narrativa que traz consigo muita sensibilidade para debater um tema que vem fazendo parte da vida de muitos jovens, principalmente meninas: o transtorno alimentar. Ao caminharmos pelas perspectivas do texto durante a leitura, nós podemos observar como pensa um adolescente, o que sofre com a separação dos pais, com a baixa autoestima e com as dúvidas que são comuns nessa fase da vida. Por meio das passagens de Lewis Carroll e do mundo de Ecila, todo esse universo criado no texto ganha um ar de maravilhoso, afinal de contas, assim como a Alice de Carroll, essa Alice atravessa o espelho para conhecer um outro mundo para, com ele, compreender que precisava de ajuda. Nessa perspectiva, podemos citar Antonio Candido, quando ele fala sobre a função humanizadora da literatura. Segundo ele, o texto literário pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial; ele age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras. Desse modo, a literatura “não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972: 806).

Assim, pela sua alta qualidade artística, a narrativa de Laura Bergallo faz parte de uma corrente da literatura infanto-juvenil que deixou de lado a postura autoritária e pedagógica para apresentar textos que abordam temas polêmicos (a separação dos pais, a morte, os problemas de saúde), mas de uma maneira bastante sensível e criativa. Ao se aproximar do mundo de seus leitores sem julgamentos ou críticas, esses textos contribuem para sua formação e desenvolvimento, evidenciando, desse modo, a importância do hábito da leitura para compreensão do mundo e das relações humanas.

Referências

BERGALLO, Laura. *Alice no espelho*. São Paulo: Edições SM, 2005. – (Muriqui)

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, volume I. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, volume II. São Paulo: Editora 34, 1999.